

JOGOS ERÓTICOS DE UMA ANTROPOLOGIA MAL-DITA: PAULO ROGERS E O TEXTO BRASILEIRO *SOBRE* O RURAL

FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO¹; VAGNER BARRETO RODRIGUES²; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH³

¹Universidade Federal de Pelotas – felipe.aurelio197@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vgnrbrtt@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

“Eis uma antropologia rural contagiosa, nada a interpretar, nada a imitar, nada de histórias de amor, nada de história de casal, apenas núpcias, criação, crueldade, geografia, beira, risco, contágio, matilha, devires imperceptíveis.” Paulo Rogers, *Os afectos mal-ditos*

O presente trabalho busca refletir sobre o debate das *linhagens antropológicas* na Antropologia Brasileira (PEIRANO, 2004), enquanto avaliação final da disciplina “Antropologia V”, ministrada pela antropóloga Dra. Flávia Rieth ao curso de Ciências Sociais da UFPel, no primeiro semestre de 2018. Nesse sentido, acompanha a *história teórica* da disciplina (PEIRANO, 2006), por meio da trajetória do antropólogo Paulo Rogers da Silva Ferreira, com o objetivo de entender a relação entre o contexto sociocultural e a obra acadêmica deste autor, especialmente “Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas” (FERREIRA, 2006; 2008).

A constituição da Antropologia no Brasil, deu-se, inicialmente, por intermédio de professores estrangeiros, como Lévi-Strauss e Radcliffe-Brown, na década de 1930, contratados para lecionarem nas recém formadas universidades brasileiras. A disciplina foi institucionalizada ao longo da década de 1950, pelo antropólogo Florestan Fernandes, enquanto um campo das Ciências Sociais, na graduação. A especialização, com foco no trabalho de campo e na pesquisa acadêmica, ocorria, tradicionalmente, na pós-graduação, com a criação dos Programas de Pós-Graduação, a partir da década de 1960. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988).

Entretanto, o diálogo com a Sociologia hegemônica privilegiou os estudos em território nacional, fator importante para a consolidação do projeto de Nação brasileira. Período conhecido como “estudos de comunidade” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988), que privilegiaram comunidades indígenas e rurais. Dessa forma, o trabalho objetiva apresentar os conceitos e problemáticas abordadas por Ferreira em sua produção no campo da Antropologia Rural, que posteriormente retoma no artigo “A natureza e o imaginário: dos jogos eróticos em sociedades rurais” (FERREIRA, 2007).

2. METODOLOGIA

Ao buscar os caminhos que o autor percorreu em sua trajetória acadêmica, esta metodologia busca refletir o fazer antropológico enquanto uma teoria vivida, algo nem sempre comum entre os estudantes de graduação em Ciências Sociais. Ao localizar aqueles que estudamos em espaços, lugares e tempos socioculturais, torna-se possível acessar narrativas, possibilidades e percursos para o que antes era intangível, por dentro do campo antropológico.

No caso do antropólogo Paulo Rogers Ferreira, sua formação inicia-se com a graduação em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Ceará (2003), com o trabalho “Os meninos de Mangabeira (CE): o ‘sexo-rei’ e o imaginário”, orientado por Daniel Soares Lins. Seguindo, então, para o Mestrado em Antropologia Social na Universidade de Brasília (UnB), orientado por Ellen Woortmann, sobre a problemática das sexualidades camponesas, especialmente os “afectos mal-ditos”¹, trabalho em que o antropólogo apresenta sua contribuição a respeito dos estudos rurais na Antropologia Brasileira.

Atualmente, Ferreira possui doutorado em Antropologia, na Université Laval, Canadá (2016), com a tese “O que nos reúne entrono da ‘última cerveja’: viver a sensação do momento em Beauce (Quebec)”², orientado por Manon Boulianne, onde abordou outra temática “marginal” no campo da Antropologia Rural, etnografando o alcoolismo em áreas rurais canadenses. Atua como antropólogo docente no Instituto Multidisciplinar em Saúde, Universidade Federal da Bahia (IMS-CAT/UFBA).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da etnografia do autor é possível saber que o próprio nasceu e cresceu em um vilarejo no sertão cearense – que descreve como um “pequeno distrito, distante 20km da sede do município e 423km de Fortaleza”. (FERREIRA, 2008, p. 8). Sem pousadas, bancos, hospitais ou delegacias, com aproximadamente oitocentas casas, circundadas por roças.

Em uma trajetória enquanto pesquisador e antropólogo dentro do campo das pesquisas sobre o “rural”, o autor coloca em questão a forma como a literatura sobre as sociedades camponesas no Brasil e o Texto Brasileiro (TB) sobre o Rural constrói o imaginário do “homem do campo”. Um corpo camponês disciplinado. Dócil. Reprodutor. Entretanto, para Ferreira (2006, p. XII, grifos do autor):

Esta dissertação tem como principal propósito dar vazão ao corpo, fazê-lo gozar. Anunciar as múltiplas possibilidades de sua afecção. Um camponês com carne, veias, sangue, esperma, pênis, vagina, fluidos e ânus: *humano demasiado humano*. O que doravante também interessa é o que há por trás do pensamento, ou seja, as entrelinhas, a terceira margem, uma gramática dos afectos indizíveis, propagada por

¹ Rogers utiliza Lins (2004, p. 15-16) para explicar o sentido que dá ao conceito utilizado na pesquisa. Para os autores, “afecto” não é a mesma coisa que afeto: o afecto é não pessoal. Nem pulsão nem objeto perdido. “O afecto é uma potência de vida não pessoal, superior aos indivíduos, o devir não humano do homem.”

² Sem tradução. No original: “*Ce qui nous rassemble autour de la “dernière bière”: vivre le feeling du moment en Beauce (Québec)*”.

movimentos corpóreos, vibráteis: pura experimentação. Nada a ver com a formal observação-participante, mas com experimento-vida, com **afecção**. A escrita antropológica é, sobretudo, capturada, roubada pelo sujeito do enunciado.

Segundo o antropólogo, as construções dos discursos acadêmicos nas relações entre o camponês e a natureza, como o conceito de *campesinidade*³, desenvolvido em pesquisas de Klaas e Ellen Woortmann (1990; 1997), sua orientadora de mestrado, tendem a (re)produzir um Eu subordinado, com o desejo dado pela natureza. Uma tríade entre camponeses-natureza-deus, onde formas de desejo desviante não teriam *funcionalidade*. Em “A natureza e o imaginário: dos jogos eróticos em sociedades rurais” (FERREIRA, 2007), o pesquisador aponta que, segundo a visão de Woortmann & Woortmann (1997), o mato é a natureza pura, pois não foi domado pelo processo do trabalho (para a implementação do roçado), e, portanto, é o espaço-ambiente não-trabalhado, “um locus propício para histórias fantásticas sobre o obscuro” (FERREIRA, 2007, p. 382).

Com uma perspectiva que segue as histórias noturnas do campesinato, Rogers vê-se propondo outros usos desse imaginário, na etnografia dos matos de “Goiabeira” – nome fictício dado ao campo de pesquisa do autor, por tratar-se de uma comunidade rural muito pequena, “onde os rumores sacodem as condutas”.

Boa parte dos jogos eróticos dos afectos mal-ditos se dá em meio à natureza pura, na vegetação local (a caatinga), em altas horas da noite. Estrategicamente, trata-se de escapar do controle social: dos olhares bisbilhoteiros das ditas famílias de bem. A vegetação se torna, para a investida desses afectos, “cúmplice” na dinâmica de um plano oficioso. (FERREIRA, 2007, p. 383).

Nesta mesma direção, o autor adentra-se em outro aspecto importante do pensar sobre esses afectos mal-ditos: o paradigma do *desejo*. Percebendo na lógica camponesa a ausência de discursos pautados por movimentos identitários contemporâneos, como os movimentos LGBTQ+, que transita entre diversos meios sociais. Longe de pautarem-se pela fixação identitária, de acordo com Ferreira, as relações entre os homens camponeses centram-se no ideário do “macho” (aquele que penetra) e do “veado” (o que é penetrado), “em uma diluição da radicalidade da linguagem, no trato da homossexualidade política, e atenuando, sobretudo, a força do desejo sem não obstante negá-lo”. (FERREIRA, 2007, p.386).

Assim, não encontra-se no campo etnografado pelo antropólogo noções como da homossexualidade, enquanto identidade e posicionamento político perante a sociedade, ou até mesmo, enquanto orientação ou opção sexual. Porém, os jogos eróticos e as relações que impulsionam aos afectos mal-ditos dão-se especialmente no campo do *desejo*, do *indizível*, e este torna-se naturalizado quando posto em meio aos “segredos” que escondem-se entre natureza pura – e pulsante.

4. CONCLUSÕES

³ Neste sentido, a *campesinidade* é pensada como parte dessa ordem social, e não de características psicológicas individuais, historicamente construída, ou dito de outra maneira, trata-se de um modelo ideal, arquitetado pela família extensa, para a manutenção do patrimônio terra e dos arranjos matrimoniais da Casa. (FERREIRA, 2007, p. 376)

A busca por um camponês “com carne, veias, sangue, esperma, pênis, vagina, fluidos e ânus: *humano demasiado humano*” (FERREIRA, 2008, p. 12, grifos do autor), que o antropólogo propõem em seus trabalhos, expõe lacunas e reflexões pertinentes para o campo da Antropologia Rural brasileira, ignorados e invisibilizados pelo TB, de acordo com o autor.

O que mais chama a atenção em seus textos é a forma como, ao adentrar nesse aspecto – o sexo e o desejo entre homens – da vida destes interlocutores, Ferreira consegue dar novo sentido a conceitos chave da Antropologia Rural, atualizando, via etnografia e trabalho de campo, paradigmas e suspendendo a naturalização do camponês bíblico, casto, *castrado*, moral, com um corpo que pertence ao roçado, e não a si.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

FERREIRA, Paulo Rogers. **Os afectos mal-ditos**: o indizível das sociedades camponesas. Dissertação – (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

_____. A natureza e o imaginário: dos jogos eróticos em sociedades rurais. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 5, p. 375-394, 2007.

_____. **Os afectos mal-ditos**: o indizível nas sociedades camponesas. São Paulo: HUCITEC e ANPOCS, 2008.

LINS, Daniel. **Juízo e verdade em Deleuze**. São Paulo: ANNABLUME, 2004.

PEIRANO, Mariza. A teoria vivida: reflexões sobre a orientação em Antropologia. **Ilha**, Florianópolis, v. 6, n. 1 e 2, p. 209-218, 2004

_____. **A teoria vivida** - e outros ensaios de Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2006.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klass. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: EDUnB, 1997.

WOORTMANN, Klass. Com parente não se negueia. **Anuário Antropológico**: 1987. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990.